

**SOCIEDADE CULTURAL E EDUCACIONAL DE ITAPEVA
FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS E AGRÁRIAS DE ITAPEVA**

**O PAPEL DO PROFESSOR DA PRIMEIRA INFÂNCIA:
SUJEITO POTENCIAL PARA O DESENVOLVIMENTO
INFANTIL**

Polyane Andressa de Moura Proença

Itapeva – São Paulo – Brasil
2014

**SOCIEDADE CULTURAL E EDUCACIONAL DE ITAPEVA
FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS E AGRÁRIAS DE ITAPEVA**

**O PAPEL DO PROFESSOR DA PRIMEIRA INFÂNCIA:
SUJEITO POTENCIAL PARA O DESENVOLVIMENTO
INFANTIL**

**Polyane Andressa de Moura Proença
Prof.^a Esp. Maria de Fátima Proença de Souza**

“Trabalho apresentado à Faculdade de Ciências Sociais e Agrárias de Itapeva como parte das obrigações para obtenção da Licenciatura em Pedagogia”.

DEZEMBRO/2014
Itapeva – São Paulo

“Olhar atento é olhar sensível, olhar cuidadoso, olhar que espera, olhar que antecipa, prevê, planeja, organiza. Olhar que conhece, acolhe, envolve, oferece afeto, põe limites, dá

segurança, indica caminhos. Olhar de quem acompanha e se envolve em um processo repleto de detalhes e riquezas”.

(ORTIZ E CARVALHO, 2012)

“E sabemos que todas as coisas contribuem juntamente para o

bem daqueles que amam a Deus, daqueles que são chamados segundo o seu propósito”.

(Romanos 8: 28)

AGRADECIMENTOS

Sou imensamente grata primeiramente a Deus por ter me ajudado até aqui, foram dias de grandes lutas, dificuldades, alegrias, tristezas, sorrisos, choros, mas que me levaram a vitória. Deus me mostrou a cada dia que sou capaz de vencer todas as barreiras e para cada dia de dificuldade me deu dupla honra.

Se hoje estou formada também devo meus sinceros agradecimentos a minha família: Meus pais Sidnei e Cilene, e meu irmão, que sempre me ensinaram o caminho certo a seguir, me deram todas as forças possíveis e até mesmo as impossíveis para que eu chegasse até aqui, me incentivaram desde o início me lembrando sempre que Deus é em primeiro lugar e que quando cuidamos das coisas Dele, Ele cuida das nossas.

Agradeço de coração ao meu noivo Michel que fez de tudo para que este momento se concretizasse, palavras não descrevem toda a gratidão que sinto por você, sorriu, chorou, me aconselhou, dizia sempre palavras que me confortava, me mostrando que sou capaz. Te Amo!

Agradeço também a todos da minha família que de uma maneira ou outra contribuíram para este momento tão importante.

Obrigada Professora Orientadora Fátima Proença, e aos professores de TCC, Andrei Muzel e Bruno Vespasiano por terem me ajudado na construção deste Trabalho de Conclusão de Curso, que não é nada fácil, mas que tiveram toda calma, cuidado, atenção do mundo para me ajudar.

Agradeço aos professores de todo esse curso que marcaram com suas excelentes didáticas, aulas maravilhosas que contribuíram muito para meu aprendizado e que com certeza irão estar presentes no meu futuro como pedagoga! A eles todo meu agradecimento.

Agradeço também as minha amigas de turma que durante esses quatro anos estiveram comigo, foram grandes momentos juntas, obrigada meninas!

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	9
2. A HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO INFANTIL NO BRASIL.	11
2.1. A Creche como um Ambiente Educativo	13
2.2. A Chegada dos Bebês às Creches	15
2.3. O Papel do Educador no Trabalho com Crianças do Berçário	18
2.4. O Brincar e as Crianças de 0 à 3 anos	19
3. MATERIAL E MÉTODOS	23
4. RESULTADOS E DISCUSSÃO	24
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.	26
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	27

O PAPEL DO PROFESSOR DA PRIMEIRA INFÂNCIA: SUJEITO POTENCIAL PARA O DESENVOLVIMENTO INFANTIL

RESUMO- O presente trabalho de conclusão de curso teve como objetivo analisar o desempenho dos professores com crianças da primeira infância, ou seja, de 0 à 3 anos, levando em consideração toda a trajetória da Educação Infantil e as mudanças que ocorreram com este processo. Também expor o papel principal deste profissional, e a contribuição do trabalho realizado para que essas crianças tenham um desenvolvimento integral. Utilizamos de referenciais teóricos que forneceram uma importante reflexão sobre o tema “O papel do professor da primeira infância: sujeito potencial para o desenvolvimento infantil”. Justifica-se este trabalho pela grande importância do tema, e ao percebermos a necessidade de ampliar este conhecimento, ficando como proposta para os profissionais da área analisar suas didáticas em sala de aula.

Palavras-Chave: Desenvolvimento Infantil, Infância, Professor.

THE ROLE OF EARLY CHILDHOOD TEACHER: SUBJECT POTENTIAL FOR CHILD DEVELOPMENT

ABSTRACT- This course conclusion work aimed to analyze the performance of teachers with children in early childhood, ie, from 0 to 3 years, taking into consideration the entire trajectory of early childhood education and the changes that occurred with this process. Also expose the main role of this work, and the contribution of the work done so that these children have an integral development. Use of theoretical frameworks that provided an important reflection on the theme "The role of the teacher in early childhood: potential subject to child development." This work is justified by the importance of the topic, and to realize the need to expand this knowledge, as being proposed for professionals to analyze their teaching in the classroom.

Keywords: Child Development, Childhood, Teacher.

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho teve por finalidade analisar a importância do professor da primeira infância, e suas contribuições para este processo. O tema surgiu através de observações diárias do contexto escolar, onde pode se perceber a necessidade de aperfeiçoamento que muitos educadores sentem ao trabalhar com crianças do berçário, pois se encontram despreparados, sem bases teóricas para a realização com eficácia do trabalho. O tema é bastante recente, mas muito importante, servindo como base para o início de uma pesquisa mais detalhada a respeito.

Conforme aborda ORTIZ e CARVALHO (2012) o lugar específico para bebês em relação à história das instituições está caminhando aos poucos, levando em consideração que em nosso país ainda existe uma grande polêmica com relação à entrada das crianças pequenas nas creches.

Muitos são os fatores que evidenciam este descompasso. Falta de vagas, a fila de espera que é muito demorada, pode-se levar também em consideração que quanto menor for a criança, maior será seu custo, o investimento terá que ser bem maior, com ambiente preparado adequadamente para recebê-las, oferecendo liberdade para a realização das atividades cotidianas (ORTIZ e CARVALHO, 2012).

Outro fator não menos importante é com relação à opção das mães em colocar seus filhos nas creches, muitas preferem deixar em casa, para aproveitar mais esta faixa etária, outras acreditam que por ser um grande número de crianças nas salas de aula seus filhos poderão se machucar facilmente, ou não terão o cuidado necessário, preferindo até mesmo deixar com um parente mais próximo, como avó, tia, ou até mesmo pagar uma pessoa que fique com ela em casa (ORTIZ e CARVALHO, 2012).

Porém entende-se que a creche é um ambiente que facilita o desenvolvimento da criança pequena, para isso ela precisa de alguém que se preocupe, que cuide, que para ela olhe de maneira atenta, pois é incapaz de sobreviver sozinha (ORTIZ e CARVALHO, 2012).

Dentro da escola todas essas características são papéis fundamentais do educador, mais do que aquele que tira e põe o bebê do berço, que alimenta, troca, brinca e conversa, deve ser alguém que tem uma grande importância na constituição psíquica e no desenvolvimento de seus alunos. É ele que insere esta criança no mundo, oferecendo oportunidades de se desenvolver, oportunizando momentos de grandes experiências e aprendizados (ORTIZ e CARVALHO, 2012).

Quando essas crianças são inseridas no ambiente educacional é necessário um cuidado específico para este momento de adaptação tentando amenizar os impactos causados nesta entrada, separação da mãe, mudanças de grupo, de educadores, de escola, etc. (ORTIZ e CARVALHO, 2012).

Este período de adaptação é o tempo considerado necessário para que esta criança se familiarize com o ambiente, e as relações entre escola e família sejam estabelecidas através de um bom relacionamento. Essas preocupações partem do princípio de que essas crianças precisam ser cuidadas, cheias de afeto, respeitadas em suas diversas necessidades, levando em consideração que a separação entre mãe-bebê pode causar dificuldades e sofrimentos ao se estabelecer essas novas relações (ORTIZ e CARVALHO, 2012).

É importante que nesta faixa etária esteja presente o brincar, pois com essa prática o bebê faz um laço com o mundo ao seu redor, e também através das brincadeiras o professor pode acolher, criar vínculos, que auxiliam no desenvolvimento de múltiplas competências (ORTIZ e CARVALHO, 2012).

A pesquisa se iniciou com um pouco da história da Educação Infantil, abordando os principais fatos, e como tem sido percorrido este caminho desde o surgimento das creches até os dias atuais, quais foram as mudanças que ocorreram com o passar dos anos e a sua importância atualmente.

Também foi abordado o papel da creche, e como ela é vista pelos pais, professores, e por todos que estão envolvidos neste ambiente. A importância do professor no trabalho com crianças do berçário também será refletida, e a função que o brincar possui como grande colaborador para o desenvolvimento infantil.

Na sequência apresentou-se Material e Métodos, utilizando-se de pesquisa bibliográfica baseadas em livros específicos, Scielo, Periódicos sobre o tema, entre outros.

Em Resultados e Discussão apresenta-se um debate e as principais contribuições de Ortiz e Carvalho (2012), Cortez (2012), Strenzel (2002) e Brasil (2009), Brasil (1998) e Campos (2006).

2. A HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO INFANTIL NO BRASIL

Conforme aborda as autoras em relação à história dos estabelecimentos de ensino, o lugar exclusivo para bebês ainda está caminhando, especialmente em nosso país, onde não há uma tradição completamente constituída sobre essa prática. Ainda assim este espaço em instituições de educação já tem um caminho percorrido com determinadas histórias para contar e outras a serem estabelecidas a partir de muita experiência e transformações nas políticas públicas (ORTIZ e CARVALHO, 2012).

As creches e pré-escolas tiveram procedências completamente distintas. Enquanto as pré-escolas já surgiram no bojo da educação, as creches apareceram da iniciativa particular, tanto na Europa como no Brasil, através de mães trabalhadoras, igrejas, senhoras da alta sociedade, sem ajuda do governo, como forma de atender aos mais pobres. Tinham um caráter inteiramente assistencial e filantrópico, e o alvo principal era a guarda das crianças. As creches apareceram como forma de poupar a criança filha de famílias trabalhadoras, para que houvesse uma organização social frente à ampliação dos centros urbanos e a necessidade da mãe trabalhadora (ORTIZ e CARVALHO, 2012).

Conforme aborda VERÍSSIMO e FONSECA (2003) as creches surgiram no Brasil no século XIX, numa situação em que as instituições de asilo eram as bases para as instituições de atendimento à população e tinham como finalidade livrar os bebês e crianças pequenas da morte, através de fornecimento de abrigo, alimentação e algum atendimento em higiene e saúde, pois achavam que as famílias trabalhadoras não podiam oferecer-lhes esses cuidados fundamentais.

A creche sempre foi caracterizada como um estabelecimento emergencial, improvisada e um mal necessário. Essa visão era traduzida por um atendimento

bastante empobrecido, de baixa qualidade, com precários recursos e um grupo de profissionais sem formação especial, composto, muitas vezes, por voluntários, e possuía falta de legislação específica e de normas fundamentais de atendimento (ORTIZ e CARVALHO, 2012).

Surgem nesse mesmo momento os jardins de infância destinados somente às classes populares e tinham um caráter pedagógico, totalmente diferente do desenvolvido nas creches (VERÍSSIMO e FONSECA, 2003).

Enquanto esteve ligada ao conceito de “falta” de cuidados da família, a creche se sustentou em exemplos de funcionamento de acordo com as concepções de família e maternidade sugeridas pelos especialistas de diferentes áreas, os quais indicavam as atividades a ser atingida com as crianças, a disposição do tempo, dos espaços, dos materiais e das interações entre as crianças. Na década de 1940 começa a se preocupar com alimentação, higiene, doenças e a proteção, dando destaque na substituição materna (ORTIZ e CARVALHO, 2012).

Quando surgiram, as creches assistencialistas tinham como único objetivo compensar a criança naquilo que lhe faltava em casa, mesmo o ensino sendo de baixa qualidade as crianças eram preparadas para um futuro, mas com certas restrições (VERÍSSIMO e FONSECA, 2003).

Na década de 1960 as creches receberam a dimensão de prevenir e evitar futuros transtornos, aumentando o desenvolvimento infantil para compensar a insuficiência cultural que essas crianças passavam por fazerem parte de famílias de baixo rendimento. A creche novamente muda seu modo de agir e busca na pedagogia suas novas referências. Nesse período surgem os trabalhos de coordenação motora e as atividades pedagógicas, onde pela primeira vez as crianças foram consideradas em suas especificidades, foram adotadas novas formas de organização do tempo e do espaço e as brincadeiras começam a aparecer (ORTIZ e CARVALHO, 2012).

Em 1970 acontecem alguns movimentos feministas, *fazendo com que as creches se expandam* através do poder público, mas ainda o número de creches que foram construídas não significava um bom atendimento. A partir da década de 1980, como decorrência à pressão do povo e aos movimentos formados houve alterações nas políticas designadas à infância, procedendo em amplos marcos legais, destacando-se a Constituição de 1988 e a Lei de Diretrizes e Bases da

Educação Nacional (9394/96), que reconhecem como dever do Estado o atendimento de crianças de 0 a 6 anos em instituições educativas, as crianças também tiveram seus direitos reconhecidos no (ECA) Estatuto da Criança e do Adolescente (ORTIZ e CARVALHO, 2012; BRASIL, 1988; BRASIL, 1990; BRASIL, 1996).

“A educação infantil, primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança de até 5 (cinco) anos, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade. (BRASIL, 1996)

Hoje em dia muito tem sido criticado esse modelo assistencialista, mediante a ação educativa das creches, justificando que a esta tem como único objetivo educar, e que o lugar para se brincar é em casa, negligenciando também sobre as ações de cuidado nas creches (VERÍSSIMO e FONSECA, 2003).

Apesar de todo o esforço do MEC, Secretarias de Educação e os gestores da Educação Infantil o caminho das creches e pré-escolas ainda está sendo percorrido, para que as instituições sejam espaços educativos com profissionais formados e propostas pedagógicas (ORTIZ e CARVALHO, 2012).

Frente às mudanças que aconteceram nas famílias as creches estão se tornando cada vez mais requisitadas e importantes, pois são ambientes onde as crianças crescem e se desenvolvem (VERÍSSIMO e FONSECA, 2003).

Ainda tem se discutido sobre sua missão e seu papel específico que passou de um caráter assistencialista para o educativo nos dias atuais VERÍSSIMO e FONSECA (2003) e que de acordo com a LDB (1996) em seu art. 30 a educação infantil será oferecida em: Creches, ou entidades equivalentes, para crianças de até três anos de idade; Pré-escolas, para as crianças de 4 (quatro) a 5 (cinco) anos de idade.

2.1. A Creche como um Ambiente Educativo

A creche é um estabelecimento que passou por inúmeras mudanças, pois avançou e retrocedeu várias vezes até conquistar seu lugar na legislação para a educação. Semelhante esta história, que depende de um contexto social e de uma política, o tornar-se sujeito necessita de vários fatores, entre eles, do sujeito que se ocupa subjetivamente do bebê. Estabelecemos essa proximidade entre creche e subjetivação, pois é assim que se cria um campo entre creche e bebê: um processo dialético e singular, uma interação constante e grandemente transformadora (ORTIZ e CARVALHO, 2012).

A creche, a pré-escola e os centros de educação infantil são instituições educativas destinadas a promover o desenvolvimento integral das crianças até seis anos de idade. São espaços de formação também para os integrantes da equipe responsável e para as famílias (BRASIL, 2009).

O estabelecimento de educação infantil é habitado por um grupo de adultos e por um grupo de crianças. É, portanto, um ambiente coletivo de convívio, onde ocorrem interações. Sendo uma instituição educacional, essas relações devem ser formadoras, no sentido de que devem ser fundamentadas nos valores sociais que afirmam sua proposta pedagógica. A cidadania, a cooperação, o respeito às diferenças e o cuidado com o outro são aprendidos na vivência cotidiana. Não podemos aguardar que as crianças desenvolvam essas características se os adultos não as provam em sua maneira de agir na instituição (BRASIL, 2009).

Para que o trabalho realizado nas creches obtenha um bom resultado é de fundamental importância que todos trabalhem coletivamente tendo clareza com relação aos objetivos da instituição. Como auxílio para a realização das atividades diárias a equipe de Educação Infantil pode contar com documentos discutidos e elaborados por todos, levando em consideração a realidade da comunidade, e apontando os objetivos a serem atingidos com as crianças (BRASIL, 2009).

Sabemos que ao se falar de creches e bebês é necessário compreender esta instituição como um ambiente que opera para a construção do sujeito. É um lugar que contribui para a composição de maneira única do mundo de determinadas crianças mais designadamente aquelas que convivem nas creches. Sendo assim a creche, enquanto ambiente de educação, com sua história, seus aspectos e atributos próprios, conforme a situação ao qual pertence, ocupa um lugar

determinado na vida da criança. A creche é o espaço do cuidado, do convívio e da aprendizagem, é um lugar apontado como espaço público e, ao mesmo tempo espaço coletivo (ORTIZ e CARVALHO, 2012).

Muitas vezes ouvimos falar de creche como “um mal necessário”, mas agora queremos falar de creche como um “bem necessário” e possível de ser sempre melhorado, como um recinto com o potencial de auxiliar as crianças a se formar psicologicamente, fazê-las crescer, aprender e se desenvolver, formando-se como sujeito (ORTIZ e CARVALHO, 2012).

Não deve ser vista como substituta da família, pois ela serve como um complemento, que possui características próprias. É importante diferenciar o que é próprio de cada um, família e creche, mãe e educador, podendo ser estabelecidos semelhanças (ORTIZ e CARVALHO, 2012).

Atribuindo uma definição de creche, estabelecemos uma visão de que é possível atender as crianças com qualidade em vários aspectos, considerando-a como um ambiente além de provedor, um espaço para que essas crianças se desenvolvam, socializem e que contribua para a aprendizagem, um ambiente que forme cada sujeito integralmente (ORTIZ e CARVALHO, 2012).

O acolhimento para bebês é de extrema importância, pois se refere ao período necessário para que a criança acostume com o ambiente da creche, e também para que a família e a creche passem a se conhecer e estabeleçam uma boa relação. Essa é uma preocupação que parte de um princípio básico de que os bebês precisam ser cuidados, cheios de afeto, respeitados em suas particularidades, e que a separação entre mãe e bebê pode gerar sérios sofrimentos e dificuldades ao se estabelecer novas relações e interações (ORTIZ e CARVALHO, 2012).

Também é de grande importância a relação da instituição de educação com esse bebê, pois é um momento em que ele estará “partindo para o mundo”, deixando suas primeiras relações para trás, sendo assim faz-se necessário construir um trabalho integrado, considerando o bebê em suas individualidades, pois o ambiente é coletivo, mas o momento é de cada um, pois passam a ter que enfrentar as novidades obtendo uma reação para cada situação. Enquanto alguns bebês ainda assustados com o lugar grudam em sua mãe, outros se “jogam” para as novidades e para as pessoas (ORTIZ e CARVALHO, 2012).

2.2 A Chegada Dos Bebês Às Creches

Segundo STRENZEL (2002) as professoras que participam do processo de adaptação dos bebês às creches caracterizam este momento sendo único e individual de cada criança, onde cada uma delas possui variáveis fundamentais. Uma grande variável é o papel das mães neste processo, interferindo ou facilitando este momento. Acredita-se que esta fase de chegada dos bebês as creches é destituída de inseguranças, medos ou muitas acontecem de maneira bem tranquila e calma. Um fator muito importante neste momento é o tempo, pois a família e a creches passam a se conhecer melhor adquirindo cada vez mais confiança nesta relação. Uma atitude que deve ser combatida é os pais saírem escondidos das crianças para não causar o choro, pois traz uma visão de que a criança é incapaz de estabelecer novas relações de aprendizagem.

Conforme a equipe de profissionais da creche, o período de entrada das crianças acontecem primeiramente através de uma reunião com as famílias, onde a instituição expõe o trabalho que realiza tanto na parte pedagógica como na administrativa. Em um segundo momento é realizada uma nova reunião onde é tratado exclusivamente sobre a acolhida dos bebês e quais as considerações para este momento. A intenção dessa reunião é esclarecer as famílias como acontecerá o ingresso das crianças e das famílias a creche e quais atitudes que ambas as partes devem tomar, pois será um período de “passagem”, abrindo portas para criar laços afetivos (STRENZEL, 2002).

Em seguida é realizada uma entrevista com cada família, onde são coletados dados referentes à criança, como por exemplo: a rotina estabelecida na família, horário de sono, alimentação, assuntos voltados à saúde, etc. (STRENZEL, 2002).

Neste processo é essencial que exista a comunicação entre a família e a escola, onde toda expectativa é esclarecida para ambas as partes, informações necessárias e ressaltantes para a chegada da criança ao ambiente novo. É necessário também conhecer a história dessa criança e de sua família, pois isto

pode trazer informações cruciais e importantes que irão favorecer os professores e a escola ao receber o aluno (STRENZEL, 2002).

É neste ambiente envolvente que famílias, crianças e professoras estabelecem relações, onde são acompanhadas pelo adulto até que a separação da figura conhecida não seja tão difícil. Será um ambiente novo, pessoas diferentes, onde novas relações vão tomando conta do processo que dependerá do ritmo de cada criança. É nesse período que começa a criação de vínculos, através da interação cotidiana e que continua sendo trabalhada durante todo o tempo de permanência na escola (STRENZEL, 2002).

Sobre as atividades a serem apresentadas pelas educadoras, as condições proporcionadas e a disposição dos ambientes, a brincadeira assume um lugar exclusivo, onde são oferecidos os brinquedos e as novas oportunidades de ações para as crianças, apresentando a elas um espaço definido que lhes oportunizam várias experiências. Este será o início dos contatos sociais fora do círculo familiar (STRENZEL, 2002).

É de grande importância e deve ser muito valorizado nesse momento as ações simples como o afeto, o carinho, o diálogo através de um diálogo. Durante as atividades realizadas em um ambiente mais amplo da escola as crianças podem exercitar mais livremente suas habilidades motoras, sem auxílio direto dos professores. Tornando-se assim o adulto intermediador nas atividades, organizando o espaço e circulando por ele, fazendo com que a rotina estabelecida não esteja centrada nele, e sim na relação entre as crianças, e entre crianças e professores. A organização deste espaço, dos objetos e brinquedos favorece esta relação, tornando o ambiente afetivo e acolhedor (STRENZEL, 2002).

Conforme aborda ORTIZ E CARVALHO, 2012 o processo de adaptação das crianças exige uma série de fatores que contribuem neste momento delicado: é necessário que o aluno tenha tempo de conhecer aquilo que é novo, de decidir, de preparar e de vivenciar, podendo estabelecer novas relações cotidianamente. Esse processo nem sempre é uma sequência e algo que se possa prever, pois podem ocorrer oscilações dependendo muito de cada aluno e de cada professor. Sendo assim aquela criança que no início explorou todo o ambiente pode vir a estranhar assim que deixar de ser novidade para ela, e então não querer mais ficar na creche, mesmo que tenha gostado do recinto.

Quando a criança chega a um ambiente que para ela é novo se for bem trabalhado pelos educadores pode se tornar um momento de aprendizagem constante, de criatividade, de descobertas, deixando de lado todos os medos, traumas e limitações (ORTIZ e CARVALHO, 2012).

A separação entre mãe e bebê deve acontecer, pois é uma possibilidade de crescimento, sendo necessário que eles usem seus recursos próprios para interagir e construir sua autonomia (ORTIZ e CARVALHO, 2012).

"O bebê precisa conquistar seu espaço, mas antes precisa ser conquistado por ele, conquistado por essas novas situações. Não é a toa que dizemos que, diante do novo, o bebê fica desconfiado-final, "desconfiado" é estar sem confiança, é ter a impressão de que não se pode ainda ficar à vontade, de algo ruim que pode acontecer. Só experimentando o novo e percebendo que ele pode ser bom, prazeroso, interessante e atraente é que a criança pode passar a aceitar a novidade e considerar tudo aquilo como seu também. Só com o tempo e essas boas experiências o bebê poderá largar sua mãe, dizer tchau, interessar-se pelas novidades, largar o que é conhecido e seguro para lançar-se a novos aprendizados." (ORTIZ e CARVALHO, 2012).

2.3. O Papel do Educador no Trabalho com Crianças do Berçário

O educador de creche possui aspectos fundamentais na relação com a criança, sendo considerado o olhar que este a dirige, a qualidade da atenção por ela solicitada, e os diversos papéis que desempenha, não somente como complemento para a Função Materna (ORTIZ e CARVALHO, 2012).

Segundo Ortiz e Carvalho, Função Materna não é o papel apenas que a mãe realiza, mas uma função exercida também pelo adulto que dela cuida, que com ela conversa, e que atribui significados para todas as suas ações e reações. O bebê necessita desse corpo que acolhe, segura, dessa voz, de um olhar, pois cada uma dessas ações são elementos estruturantes de um difícil processo (ORTIZ e CARVALHO, 2012).

"Olhar atento é olhar sensível, olhar cuidadoso, olhar que espera, olhar que antecipa, prevê, planeja, organiza. Olhar que conhece,

acolhe, envolve, oferece afeto, põe limites, dá segurança, indica caminhos. Olhar de quem acompanha e se envolve em um processo repleto de detalhes e riquezas.” (ORTIZ e CARVALHO, 2012)

Conforme a baixa qualidade do atendimento, a preocupação foi crescendo conforme surgiam os estudos sobre como as instituições de educação funcionavam, principalmente aquelas que estavam vinculadas ao bem estar social. Foi constatada a precariedade dos prédios em que se localizava as creches, havia grande falta de materiais pedagógicos, falta de formação dos profissionais para atuação, falta de comunicação com a família e de projetos pedagógicos (CAMPOS, 2006)

Conforme a criança se desenvolve vai construindo sua autonomia, cada fase que percorre possibilita sua atuação e expressão. Desta mesma forma ocorre quando o bebê passa a reconhecer o rosto e a voz das pessoas mais chegadas, quando começa engatinhar explorando o ambiente, quando os primeiros passos aparecem, ou quando desenvolve sua fala, e amplia seu repertório, quando aprende brincadeiras diferentes, consegue se alimentar sozinha, passa a observar os livros infantis, escutar estórias, etc. (BRASIL, 2009).

Os ambientes de educação infantil devem estar preparados de maneira a beneficiar e apreciar essa autonomia da criança. Com isso os espaços e os materiais precisam estar montados de forma que as crianças possam fazer seleções, desenvolvendo atividades particularmente, em pequenos grupos ou em um grupo maior. As educadoras necessitam agir de maneira a estimular essa busca de autonomia, sem deixar de estarem atentas para interagir e sustentar as crianças nesse processo (BRASIL, 2009).

As professoras devem planejar atividades variadas, disponibilizando os espaços e os materiais necessários, de forma a sugerir diferentes possibilidades de expressão, de brincadeiras, de aprendizagens, de explorações, de conhecimentos, de interações. A observação e a escuta são importantes para sugerir novas atividades a serem propostas, assim como ajustes no planejamento e troca de experiências na equipe (BRASIL, 2009).

2.4. O Brincar e as Crianças de 0 a 3 anos

Segundo a autora as crianças brincam de várias coisas: de se esconder, correr, de casinha, carrinho. Brincam cada vez mais de modos sofisticados. E os bebês brincam de quê? (ORTIZ e CARVALHO, 2012).

Antes de brincar com algum objeto os bebês brincam com o primeiro elemento que identificam: com rosto da mãe, com seio que o alimenta, com seu próprio corpo, com as coisas que toca, com as pessoas que vê, com os movimentos, as luzes, os sons que acontecem ao seu redor. O bebê brinca com os próprios sentidos, em um jogo de descobertas, desenvolvendo habilidades e construindo significados. Com isso ele passa a perceber e diferenciar o que é seu e o que faz parte do corpo do outro, aos poucos passa a descobrir os objetos a sua volta, descobrindo o que está ao seu alcance e buscando os mais atraentes. Para um bebê que está descobrindo o mundo tudo é novidade e se for permitido conquistará o mundo com sua curiosidade (ORTIZ e CARVALHO, 2012)

Ao se falar de bebê, estamos falando também sobre o professor, aquele que o acolhe, que organiza os espaços e o tempo nas creches, criando espaços de desenvolvimento e aprendizagem, que oferece diferentes experiências e responde as necessidades dos bebês (ORTIZ e CARVALHO, 2012)

Segundo ORTIZ E CARVALHO (2012) o adulto é o primeiro brinquedo do bebê, o único objeto com que a criança pode experimentar seu poder, então essas primeiras brincadeiras são formadas por momentos felizes entre o adulto e a criança.

As brincadeiras fazem parte da constituição do sujeito. O bebê se constitui a partir de sua imersão em um mundo simbólico, portanto o bebê também se constitui nas brincadeiras (ORTIZ e CARVALHO, 2012).

O bebê faz ligação com o mundo a sua volta enquanto brinca, se relacionando com o universo cultural em que está inserido. Em um primeiro momento o brincar é visto como forma de criar vínculos, estabelecer laços e relações (ORTIZ e CARVALHO, 2012).

A forma mais reforçada para a criança se expressar e se comunicar é a brincadeira. Através dessa ação, a criança se relaciona com o mundo, estabelece ligações com a cultura e expande a habilidade de imaginar e criar. Ela passa a formar narrativas e se adequar as experiências. Assim, a criança constrói a sua

identidade e constrói a noção de fazer parte de um tempo e um lugar (CORTEZ, 2012)

É muito importante criar ambientes que favoreçam as crianças na criação de novas narrativas através do faz de conta, com isso, o brincar não perde sua imensidade de expressão e as experiências tornam-se cada vez melhores, ganhando sentidos próprios, e através das brincadeiras as crianças passam a ser mais humanas e o mundo torna-se muito mais significativo para elas (CORTEZ, 2012).

É impossível pensar qualquer proposta na educação infantil que não seja por meio da brincadeira, porque o brincar é próprio do ser humano, mas, para as crianças é linguagem, é ferramenta para expressar-se e compreender o mundo que a cerca. Brincando, a criança, interage, fala de si, aprende com o outro, produz conhecimento, interpreta contextos, ressignifica realidades, incorpora o mundo pelas suas perspectivas, e por atuar ativamente sobre este mundo, também contribui para a permanência dele (CORTEZ, 2012).

“Nas brincadeiras, as crianças transformam os conhecimentos que já possuíam anteriormente em conceitos gerais com os quais brinca. Por exemplo, para assumir um determinado papel numa brincadeira, a criança deve conhecer alguma de suas características. Seus conhecimentos provêm da imitação de alguém ou de algo conhecido, de uma experiência vivida na família ou em outros ambientes, do relato de um colega ou de um adulto, de cenas assistidas na televisão, no cinema ou narradas em livros etc. A fonte de seus conhecimentos é múltipla, mas estes encontram-se, ainda, fragmentados. É no ato de brincar que a criança estabelece os diferentes vínculos entre as características do papel assumido, suas competências e as relações que possuem com outros papéis, tomando consciência disto e generalizando para outras situações”.(BRASIL, 1998)

Para que a criança possa exercer sua habilidade de criação é fundamental que neste processo haja variedade e riqueza em todas as atividades que são oferecidas no ambiente escolar, sendo elas voltadas para os momentos de intervenção direta dos educadores durante as brincadeiras (BRASIL, 1998).

É necessário que os educadores busquem formas de proporcionar a criança circunstâncias que as façam exercitar suas habilidades e competências utilizando para isso o brincar que é uma forma de expressão (CORTEZ, 2012).

As crianças possuem uma natureza individual, que as distingue como seres que sentem, pensam e agem de uma maneira própria desde que nascem. Nas interações que formam desde cedo com as pessoas que estão sempre juntas e com o meio que as rodeia, as crianças mostram seu valor para entender o mundo em que vivem, compreendem a si mesmas, as relações conflitantes que presenciam e, por meio, sobre tudo, das brincadeiras, especificam suas qualidades de vida, suas vontades e desejos. O educador de crianças pequenas precisa ampliar a competência de observação e de reflexão sobre a prática, alimentadas por informações teóricas para conhecer a criança (ORTIZ e CARVALHO, 2012).

Existem várias brincadeiras e formas de utilizá-las no cotidiano dos bebês, como aborda GOLDSCHMIED e JACKSON (2006) o brincar imaginativo e de faz de conta é um tipo de brincar muito abrangente e que pode acontecer em qualquer ambiente. Encontrar itens detalhados para usar nestes cantos é uma ótima oportunidade para o educador, e o brincar nesta área é um fator central no desenvolvimento do potencial total do lugar.

Brincar no chão, é necessário ter uma área plana, com carpetes que permita o uso dos jogos de madeira, construção de torres, materiais de vários tamanhos. Também é importante que esse ambiente esteja protegido das invasões de outras crianças que não estejam brincando, e limitado a um grupo não mais que de quatro crianças, fazendo negociações da hora de cada um brincar. Entre inúmeras brincadeiras que podem ser realizadas (GOLDSCHMIED e JACKSON, 2006).

3. MATERIAL E MÉTODOS

O presente trabalho pautou-se em bases bibliográficas que subsidiaram a fundamentação do tema Interações: “O papel do professor da primeira infância: sujeito potencial para o desenvolvimento infantil”, realizou se através de estudos de livros específicos, artigos científicos da internet, Scielo e periódicos específicos sobre o tema. As referências utilizadas foram de 1988 a 2012, para garantir dados, atuais do tema, junto à pesquisa bibliográfica.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O presente trabalho fundamentou-se em referenciais teóricos para compreender a trajetória que a Educação Infantil percorreu até chegar aos dias atuais, levando em consideração que ainda existem muitos objetivos a serem alcançados, mas com todo este caminho percorrido podemos garantir as crianças o direito de estarem matriculadas desde pequenas nas creches, sendo elas asseguradas pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Também pela Constituição Federal de 1988 e pelo Estatuto da Criança e do Adolescente (BRASIL, 1998).

Atualmente justifica-se a creche como um ambiente que contribui para o desenvolvimento da criança, e que o bebê que a frequenta possui alguém que por ele se preocupa, pois é incapaz de viver sozinho, e dentro do ambiente escolar este é papel do professor, sendo fundamental pensar neste professor como aquele que insere este bebê no mundo, oferecendo infinitas oportunidades e possibilidades (ORTIZ e CARVALHO, 2012).

A preocupação com o atendimento em creches cresceu conforme surgiam estudos sobre o funcionamento dessas instituições, constatando assim a precariedade do ensino, do ambiente físico, com professores incapacitados para a atuação, pois não possuíam formação específica, e existia uma grande falta de comunicação com a família e de projetos pedagógicos. (CAMPOS, 2006)

E quando estes bebês chegam à creche, as professoras que participam deste momento o distinguem como individual e único para cada criança, para muitos traz inseguranças, medos, mas para outros é um momento bem tranquilo. Um fator muito importante neste período é o tempo, pois oportuniza o relacionamento entre a creche e a família, tornando o processo mais atrativo e menos doloroso para ambos (STRENZEL, 2002).

Em muitos casos o educador age baseado em suas representações, não passando a conhecer a criança, principalmente aquelas de baixa renda, que são

obrigadas a suportar tudo, afinal para elas a vida é difícil, e segundo a visão de alguns educadores quanto mais elas se adaptarem e souberem lidar com o destino, melhor (ORTIZ e CARVALHO, 2012).

Conforme a criança se desenvolve constrói sua autonomia, para isso os ambientes escolares precisam estar preparados para apreciar essa autonomia, sendo necessário que os espaços e materiais estejam de uma maneira em que a criança possa fazer suas próprias escolhas. As educadoras precisam estar atentas e estimulando constantemente, interagindo e fazendo intervenções quando necessário (BRASIL, 2009).

Neste processo o brincar é fundamental, sendo o adulto o primeiro brinquedo do bebê, onde as brincadeiras fazem parte da constituição do sujeito, oferecendo a criança oportunidade de criar, imaginar, se relacionar com o mundo (ORTIZ e CARVALHO, 2012; CORTEZ, 2012).

Sendo assim o professor precisa buscar formas de proporcionar a criança momentos em que ela precise exercitar suas habilidades e competências, utilizando então brincar, pois é uma forma de se expressar das crianças (CORTEZ, 2012).

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foi possível constatar diante da pesquisa bibliográfica realizada, que o professor tem um papel fundamental na atuação com crianças de 0 à 3 anos, devendo estimular seus alunos com atividades prazerosas e significativas, não deixando de lado suas funções básicas de cuidar e educar, pois essas são peças fundamentais para que o trabalho seja concretizado e satisfatório.

Lembrando sempre que quando o assunto é bebê sempre existe uma outra pessoa que por ele é responsável, e dentro do ambiente escolar este é o papel do professor, ser aquele que cuida, que olha, interage, através de práticas afetivas e prazerosas, buscando transmitir o conhecimento em todas as atividades realizadas, pois embora as crianças sejam pequenas não basta cuidar e atender suas necessidades básicas, vai muito além disso, é preciso ocupar-se deles, atribuir significado, criar expectativas sobre suas ações e reações, para que o desenvolvimento seja total.

A partir dos teóricos apresentados, os professores quando bem preparados realizam suas atividades satisfatoriamente, embora ainda existam casos específicos onde o bebê não é visto em suas especificidades, sendo caracterizado apenas como um ser que está nas creches porque as mães precisam trabalhar.

Esperamos que este sirva de base para o aprofundamento do tema, sabendo que é um assunto fundamental nos dias atuais e necessários para a valorização do profissional de Educação Infantil, destacando que a pesquisa é bastante abrangente e possui muitos pontos que ainda precisam ser analisados e discutidos.

6. REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial curricular nacional para a educação infantil**. Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. — Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. — Brasília: MEC/SEF, 1990.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. — Brasília: MEC/SEF, 1996.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Constituição Federal**. Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. — Brasília: MEC/SEF, 1988.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Indicadores Da Qualidade Na Educação Infantil**. Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. — Brasília: MEC/SEF, 2009.

CAMPOS, M. M; FÜLLGRAF, J; WIGGERS, V. **A Qualidade da Educação Infantil Brasileira: Alguns Resultados de Pesquisa**. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010015742006000100005&script=sci_arttext. Data de Acesso: 29/04/2014, 2006.

CORTEZ, C. **Interações: diálogos com as inquietações dos educadores da primeira infância**. São Paulo: Editora Edgard Blucher, 2012.

GOLDSCHMIED, E. e JACKSON, S. **Educação de 0 a 3 Anos o Atendimento em Creche**. 2. ed. Porto Alegre: Grupo A, 2006. <https://periodicos.ufsc.br/index.php/zeroseis/article/view/15584/14122>. Data de Acesso: 29/04/2014, 2002.

ORTIZ, C. e CARVALHO, M. **Interações: Ser Professor de Bebês- Cuidar, Educar e Brincar, uma única ação.** Editora Edgard Blucher, 2012.

STRENZEL, Giandréa Reuss. **Tempo de chegada na creche: conhecendo-se e fazendo-se conhecer.** Disponível em :
<https://periodicos.ufsc.br/index.php/zerosseis/article/view/15584/14122>. Data de Acesso: 29/04/2014, 2002.

VERÍSSIMO, M. R. e FONSECA, R. M. G. S. **O cuidado da trabalhadoras segundo trabalhadoras de creches.** Data de acesso: 18/04/2014, 2003.